



Congresso Internacional Fé e Alegria  
Educadores de Fé e Alegria  
nas Novas Fronteiras



## GUIA N.º 2

DE TRABALHO

### XLVIII Congresso

Internacional de Fé e Alegria.

O papel do/a educador/a  
nas novas fronteiras  
da educação popular  
no século XXI

---

Federação Internacional Fé e Alegria  
P. Carlos Fritzen, S.J.

**Coordenador geral**

P. Marco Tulio Gómez, S.J.

**Secretário Executivo**

**Autoras e autores**

Jaime Benjumea

Gehiomara Cedeño

Maximiliano Koch S.J.

Alfred Kiteso S.J.

**Revisão**

Comissão Organizadora do  
XLVIII Congresso Internacional de Fé e Alegria

**Desenho e diagramação**

María Fernanda Vinueza

**Novas Fronteiras e Ação Pública**

**Fé e Alegria Colômbia**

**Correção de estilo**

Coordenação Nacional de Comunicações

**Novas Fronteiras e Ação Pública**

**Fé e Alegria Colômbia**

**Tradução**

Tatiane Tavares

**Gabinete de Comunicações**

**Federação Internacional Fé e Alegria**

**Publicação**

25 de março de 2021

**Federação Internacional Fé e Alegria**

Carrera 5 #34-39,

Barrio La Merced Bogotá, Colômbia

Telefone: +57 1 7712362

Site: [www.feyalegria.org](http://www.feyalegria.org)

Facebook: Federación Internacional de Fe y Alegría

Youtube: Federación Internacional de Fe y Alegría

Twitter: @feyalegriaFI

Instagram: @feyalegriaFI

Fé e Alegria autoriza a reprodução  
em parte desta publicação para fins pedagógicos,  
trabalhos sociais e/ou comunitários, desde  
que seja citada a fonte.

A reprodução, em parte ou no todo, com fins  
comerciais está proibida, conforme as normas legais vigentes.



GUIA N.º 2  
DE TRABALHO

O papel do/a educador/a nas novas fronteiras da educação popular no século XXI

# XLVIII Congresso Internacional de Fé e Alegria. O papel do/a educador/a nas novas fronteiras da *educação popular* no século XXI

## Apresentação geral

O XLVIII Congresso Internacional de Fé e Alegria que se realizará em Bogotá, Colômbia, no mês de outubro de 2021, tem como *propósito a reflexão entre educadores e educadoras frente aos novos desafios da educação popular no século XXI, para fortalecer seu papel como sujeitos de transformação e gerar a criação de uma rede que permita o trabalho e a geração de conhecimento colaborativo.*

Para cumprir com este propósito, a reflexão no congresso girará em torno de três focos temáticos: 1. Desafios e novas fronteiras da *educação popular* no século XXI; 2. O papel do/a educador/a nas novas fronteiras da *educação popular* no século XXI; e 3. A necessidade de

trabalhar em rede nessas novas fronteiras da *educação popular*.

A comissão organizadora decidiu que o documento base deste Congresso será elaborado com os aportes dos educadores e as educadoras de Fé e Alegria nacionais, que serão coletados e sistematizados durante os meses prévios ao Congresso. Para esta etapa de pré-congresso se elaborou um guia de trabalho para cada foco temático, que permitirá orientar e mobilizar a reflexão nos países e contribuir, com isso, para a construção de conhecimento coletivo sobre cada temática enunciada. Nesta ocasião lhes apresentamos um guia para motivar o trabalho do segundo foco temático em cada um dos países do Movimento.



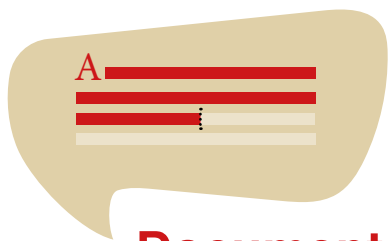
Guia de trabalho n.º 2  
O papel do/a nas novas fronteiras  
da educação popular no século XXI

# Guia de trabalho n.º 2

## O papel do/a nas novas fronteiras da educação popular no século XXI

### Objetivo

Reconstruir o papel que como educadores/as temos diante dos desafios colocados à *educação popular nas novas fronteiras do século XXI avaliando nossas práticas educacionais*.



### Documento de referência

### Introdução

Indica Conde Prada (2009) que a corrente de pensamento e ação educativa latino-americana conhecida como *educação popular* “contribui para a formação de atores sociais e sujeitos políticos capazes de transformar suas vidas, comunidades e sociedades” (p. 95) ao decidir trabalhar com e para os pobres e excluídos. Esta premissa sobrevive no tempo e no espaço, movendo-se a novos continentes. No entanto, o século XXI trouxe profundas transformações sociais, comunitárias, e até mesmo pessoais, portanto, a *educação popular* deve repensar seu objeto de ação —o que

se propõe a transformar— e o modo de fazê-lo —como se propõe transformar—.

O presente trabalho não pretende dar respostas a essas questões. Pelo contrário, visa fornecer indícios para que educadores/as populares de Fé e Alegria reflitam sobre as suas práticas e, principalmente, os desafios à frente para dar continuidade, profundidade e incidência política no seu processo educativo transformador. Com este propósito, a primeira parte do documento se centrará nas novas fronteiras que existem como desafio nos dias atuais. A segunda parte apresentará a importância de cuidar do misticismo de Fé e Alegria, da sua espiritualidade, que não se trata de algo abstrato, mas sim da consciência dos/as educadores/as sobre seu *ser-no-mundo* e da sua missão na história. Já a terceira parte apresentará a possibilidade de que os centros e programas educativos se tornem novos modelos sociais, isto é, espaços *pré-figurativos*, de tal forma que os/as educadores/as populares serão convidados/as a pensar no horizonte para o qual queremos caminhar e os meios que deveriam implementar-se. Finalmente, a quarta parte abordará as práticas pedagógicas e será um convite para pensar coletivamente em novas propostas para pôr em prática nas nossas salas de aula, que tenham coerência com os princípios fundamentais da *educação popular*.

Este trabalho assume a importância que ainda tem o espírito crítico dos/as educadores/as populares. Porém, atualmente, não existe apenas o desafio de enfrentar a realidade, o contexto, a sociedade e o sistema econômico, mas também nossas próprias práticas educacionais, por isto, se incentiva a refletir sobre este tema.

O trabalho reúne algumas propostas para pensar no papel do/a educador/a popular do século XXI, a partir de novos desafios que possui o contexto. Entretanto, não se pretende esgotar a discussão: outras pautas ou linhas de ação que iluminem nossas práticas podem surgir do painel de discussão ou do trabalho por países.



## I. O papel do/a educador/a popular nas novas fronteiras da educação popular no século XXI

Durante o século XXI, estão ocorrendo profundas transformações que afetam, entre outros fatores, a economia, a política, a ciência, a tecnologia, o cuidado sanitário, o ambiente e a educação, conforme se destacou no documento que guiou a reflexão sobre os “Desafios e novas fronteiras da educação popular”. Este processo de transformação intensifica as desigualdades e brechas em termos de equidade e representam um desafio para o/a educador/a popular: a educação deve reconfigurar-se para dar novas respostas às novas fronteiras de desigualdade, exclusão e injustiça e, com isto, ao papel do educador/a.

O/A educador/a popular deve, portanto, desempenhar um papel delimitando o compromisso que deve assumir como parte da sua tarefa de promover a transformação social. Idealmente, deveria fazê-lo assumindo uma aproximação ética, política, pedagógica e espiritual, premissas nas quais se baseia a *educação popular*. Além disto, deveria trabalhar desde e com as necessidades das comunidades locais e globais para formar cidadãos que sejam agentes de transformação social e protagonistas do seu próprio desenvolvimento.

Víctor Murillo, citando a José Antonio Fernández Bravo, expressa em suas *Palavras para educar. Alimentando o espírito de Fé e Alegria na quarentena* (2020), que: “O desafio é claro [porque a principal missão dos/as educadores/as] se é ensinar, só é fiável quando se produzem aprendizagens” (p. 5), portanto, conseguir a transformação social nessas novas fronteiras da exclusão só será possível se primeiro alcançamos “garantir o direito à educação e o direito de aprender a todos/as os/as estudantes que temos matriculados nos centros educativos, sem exceção, de tal maneira que ninguém se perda pelo caminho” (Murillo, 2020, p. 5).

Consequentemente, o século XXI desafia os/as educadores/as de Fé e Alegria para que se perguntem:

- **Educação onde?** Implica reconhecer quais são as novas fronteiras da educação popular, que afeta a sociedade, global e localmente;
- **Educação desde onde e como?** Presume a reflexão e incorporação de práticas educacionais inovadoras na *educação popular* ajustadas aos novos desafios para produzir aprendizagens reais;
- **Educação para que?** Reconhece a necessidade de velar pela dimensão ética, assim como pela política e espiritual da *educação popular* na prática educativa, para favorecer os interesses dos grupos mais vulneráveis.

O cenário convida a uma reflexão profunda sobre as novas fronteiras que tem surgido recentemente e que afetam o conjunto da sociedade e os nossos educandos e educadores/as. Assumindo este desafio, o XLVIII Congresso Internacional de Fé e Alegria, celebrado em Madri em 2018, fez um chamado a cada país que conforma a Federação para avançar em direção às novas fronteiras da exclusão e criar raízes junto às pessoas invisíveis e descartadas pelo sistema. Os países fizeram uma análise da realidade e foram identificados os novos desafios e campos de atuação, para assim repensar a missão de Fé e Alegria.

O trabalho realizado permitiu reconhecer que, apesar das diferenças culturais, históricas e geográficas, os países enfrentam desafios similares como consequência da crise social, política, econômica e ética. Pobreza, violência, instabilidade social e crise socioambiental levam a que milhares de pessoas se vejam forçadas a abandonar seus lares e migrar. Igualmente, cresce a xenofobia e a discriminação, situação que agrava a fragmentação e a polarização social. A corrupção debilita os sistemas democráti-



cos e produz a crise do sistema público. E assim, a educação perde peso nas políticas sociais e se torna, paulatinamente, um produto de mercado só acessível para quem possa pagar por ela.

Para olhar para o futuro possível, na *Declaração de Guatemala* (2020, março 11), Fé e Alegria se compromete a dar respostas aos novos desafios nos anos subsequentes e, neste sentido, é preciso que o faça através de uma planificação concreta de atuação que aborde os seguintes desafios:

- **Fronteiras pedagógicas:** supõe a formação permanente do professorado em pedagogias enfocadas na inovação desta prática, para alcançar uma melhora da qualidade educativa. Da mesma forma, é necessário que a proposta de formação técnica seja reformulada. Deste modo, se aspira que a educação responda às necessidades dos/as educandos/as, da sociedade e do âmbito laboral.
- **Fronteiras populacionais:** implica atender os setores populacionais com maior desvantagem, pessoas discriminadas em razão de gênero, pessoas com diversidade funcional, pessoas que devem migrar de maneira forçada, povos nativos e afrodescendentes, menores que sofrem abandono ou diversos tipos de violência. Do mesmo modo, presume a formação e acompanhamento de jovens para que se reconheçam como cidadãos implicados no mundo global.
- **Fronteiras geográficas:** supõe renovar a missão de estar presentes nos lugares de maior marginalização e exclusão, o qual implica: a) ampliar a presença internacional a novos países e b) iniciar novas experiências socioeducativas nas zonas mais empobrecidas e com difícil acesso nos países em que já existe uma presença atual.
- **Fronteiras de urgência:** implica a necessidade de atuar como movimento para responder aos problemas globais, tais como a emergência climática, crise alimentar, educacional e sanitária, revelados a partir da pandemia de COVID-19.

A presença de novas fronteiras não deve levar à paralisia, frustração e muito menos, assumir práticas pedagógicas que legitimem as desigualdades. Pelo contrário, devem ser tidas como novos desafios frente aos quais devemos responder de maneira criativa, sem perder os ideais que inspiraram a *educação popular*. Em outras palavras, é necessário alimentar a esperança e ter grandes sonhos para construir o mundo que acreditamos ser possível e necessário. Nas seguintes seções, serão mencionados alguns dos critérios que podem inspirar a reflexão para assumir os novos desafios que o século XXI nos apresenta e que a atual emergência educativa demanda.

## II. A espiritualidade do/a educador/a de Fé e Alegria: critério de discernimento para a ação

De acordo com Kyrilo e Boyd (2017), em seu sentido mais elementar, a espiritualidade possibilita que o ser humano seja consciente da sua vida interior, das pessoas ao seu redor e do estado geral do mundo. Consequentemente, esta capacidade permite que as pessoas reconheçam sua identidade e significado pessoal para que se tornem mais plenamente humanos, ao mesmo tempo que serve para melhorar a qualidade de vida daqueles que sofrem neste mundo. Desta forma, a espiritualidade se refere à consciência pessoal e relacional dos seres humanos que promove um determinado modo de comportamento na sociedade através de seus cuidados pessoais, seus laços humanos e com o transcendente. A espiritualidade é uma habilidade natural do ser humano. Ao longo dos milênios, ela se manifestou em ritos, cultos, princípios morais e religiões. Mas também na contemplação da natureza, em expressões culturais —música, danças, esculturas, etc.— e do cultivo dos relacionamentos profundos consigo mesmo e com outros/as. Consequentemente, mesmo quando não há uma prática religiosa, o ser humano tem ao



seu alcance meios para desenvolver esta aptidão natural, que lhe permitirá reconhecer quem é e para onde deseja projetar sua vida.

Já Paulo Freire (1997) sinalava que seu projeto vital encontrava inspiração na sua espiritualidade. Em diversas ocasiões, ele reconhece que a presença histórica de Deus constitui, do seu ponto de vista, não só um convite para comprometer-se com a realidade, mas sim algo que o força a aspirar a transformar o mundo para restaurar a humanidade dos explorados e excluídos. O pedagogo brasileiro encontra na: “Palavra de Deus um convite para recriar o mundo para liberar os dominados e não para reproduzir sistemas de dominação” (Freire, 1972, p. 11). Disto, cabe concluir que a sua pedagogia e, mais ainda, toda a sua vida são uma consequência da sua consciência pessoal que o faz *ser-no-mundo* de um modo singular, único e dedicado a servir os excluídos.

Todas as pessoas desenvolvem uma espiritualidade com traços próprios, isto é, uma consciência particular do seu *ser-no-mundo* e do seu projeto vital. Por outra parte, esta espiritualidade encontra seus próprios canais de expressão que tem sido transmitidos através do tempo e do espaço. Assim, uma das expressões desta espiritualidade, e talvez a mais característica dos/as educadores/as de Fé e Alegria, é a relação particular que o/a educador/a possui com o contexto e com os membros da comunidade na qual trabalha.

De fato, em um recente encontro virtual de educadores/as com pastoralistas de diferentes países que fazem parte de Fé e Alegria —novembro de 2020—, as/os professoras/es manifestaram que a dor, o sofrimento, a exclusão e a violência padecida pelos seus alunos/as os afeta, e muitos deles veem necessidade de comprometer-se com essa realidade. Idealmente, seguindo os princípios da *educação popular* e da espiritualidade cristã, o/a educador/a tomará distância para olhar criticamente a realidade identificando sinais de vida e de morte para estimular o primeiro e transformar o último. Isto permitiria que a situação não o/a levasse à renúncia, mas sim, pelo contrário, que a realidade o/a fizesse superar os desafios e o/a permitisse adquirir um propósito, um compromisso vital, que é, ao mesmo tempo, pessoal e comunitário.

Outra característica que a florara a espiritualidade do educador/a de Fé e Alegria é a consciência que se

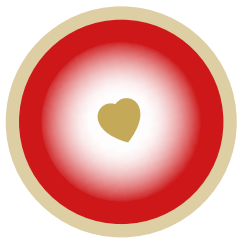
adquire da fragilidade humana e do seu limite. No mesmo encontro, educadores/as —novembro de 2020— expressaram que se reconhecem como criaturas finitas, incapazes por conta própria de enfrentar a difícil realidade que devem assumir e, portanto, manifestam que necessitam de outros interlocutores para alcançar a transformação social e pessoal que almejam. Sua consciência da finitude leva-os/as a se abrir para a transcendência, da qual se alimentam para incorporar valores de paz, justiça e equidade. Consequentemente, sua própria vida torna-se uma proposta pedagógica encarnada e um convite vivo de transformação pessoal e social.

Em conclusão, o/a educador/a de Fé e Alegria teria adquirido um *estar-no-mundo* particular, diferente do que o mercado de consumo propõe e que se manifesta nos aspectos mencionados. Mas também encontraria expressão no modo em que se relaciona consigo mesmo, com seus colegas de trabalho, com as crianças, adolescentes e jovens e, inclusive, com o transcendental. Trabalhando em comunidade eles e elas comunicam uma mensagem de oportunidade e esperança que se desloca pelo tempo e espaço. Portanto, o compromisso dos/as educadores/as de Fé e Alegria com a transformação social não nasce de uma teoria ou uma ideologia, mas sim de uma mística explícita em valores concretos.

Dado o que foi exposto até agora, cabem as seguintes perguntas: é possível transmitir esta espiritualidade, ou seja, esta maneira particular de compreender a realidade, de relacionar-se com ela sendo, ao mesmo tempo, consciente das próprias capacidades e do projeto futuro? E, em caso de que assim seja, como fazê-lo? Porque, embora seja possível verificar que mística de Fé e Alegria tem se transmitido ao longo dos anos, das opções, das fronteiras e das propostas educacionais que tornam a transformação social possível nos contextos onde opera, sua sobrevivência pode ser contestável.



Os modelos sociais vigentes ameaçam a espiritualidade do/a educador/a popular. Eles nos levam a pensar que o compromisso é inútil e que é impossível sair da lógica do consumo. E, consequentemente, esta inclinação poderia levar os/as educadores/as a se conformarem com as regras do sistema. O modelo visa ridicularizar as utopias e a capacidade de contemplar criticamente a realidade, de discernir caminhos possíveis e construir projetos de vida alternativos. Daí a necessidade de:



1. Reconhecer os traços de misticismo ou espiritualidade que a Fé e Alegria tem construído ao longo do tempo.



2. Pensar práticas pedagógicas para transmitir elementos essenciais e que consistam, basicamente, na relação com o contexto, seu olhar crítico, a capacidade de discernir e propor alternativas de vida.



3. Assumir que Fé e Alegria não pode deixar de apostar pela dignidade humana dos/as seus/suas educadores/as e dos/as seus/suas educandos/as.

Autores como Apple (2013) argumentam que a educação transformadora também deve garantir o cuidado com a afetividade e espiritualidade, sendo um fator de justiça social. Trata-se de promover que os indivíduos e as comunidades reconheçam sua própria dignidade, seu valor, sua capacidade de, assim, construir projetos de vida, pessoais e comunitários, que alcancem uma real transformação da sociedade e das pessoas que a compõe. O cuidado e a promoção da mística de Fé e Alegria deve tornar-se um critério de discernimento das opções e ações pedagógicas que sejam assumidas no futuro, bem como dos contextos nos que se pretende intervir.

É necessário, portanto, deixar que os contextos alimentem a espiritualidade dos/as educadores/as de Fé e Alegria. É preciso fixar o olhar nas comunidades e, finalmente, é necessário pensar como podemos intervir pedagogicamente para fortalecer os processos de transformação, expressão desta rica espiritualidade.





### III. O papel do educador popular na construção de uma nova sociedade

As novas fronteiras sociais afetam decisivamente o contexto comunitário em que Fé e Alegria está ou quer estar presente. De acordo com Vygotsky (2016), esta realidade social complexa tem um impacto profundo nas pessoas: tanto no sistema da comunicação e das relações sociais quanto na atividade coletiva dos indivíduos que são a fonte do desenvolvimento psíquico das pessoas. Posteriormente, a criança internalizará o que experimentou externamente. Portanto, o contexto sociocultural condicionará a subjetividade, a maneira de pensar, de ser, de sentir, de atuar e de projetar-se no mundo. O paradigma de Vygotsky (2016) poderia colocar o/a educador/a popular à frente deste desafio: permitir que os centros sejam *modelos de comunidade social*.

Na perspectiva da *educação popular*, a instituição de ensino não se reduz ao lugar de transmissão de conhecimento, mas também é o espaço em que a aprendizagem social transformadora é possível. Assim, nas palavras de Suissa (2010) é possível conceber que os centros educacionais tornem-se *espaços pré-figurativos*, ou seja, lugares onde se experimente uma nova ordem baseada nas relações éticas horizontais.

Partindo dessa ideia e relembrando o depoimento atribuído a Freire, segundo o qual: a educação liberadora não muda o mundo; muda as pessoas que mudam o mundo, surge a necessidade que educadores/as de Fé e Alegria façam uma reflexão teleológica profunda sobre a sociedade que se espera construir, assim como das experiências e aprendizagens que contribuam para que as instituições de ensino sejam verdadeiros modelos alternativos de sociedade. Esta reflexão não pode esquecer aspectos éticos e políticos.

A ética é entendida como algo além de acordos sobre normas de convivência e conformação de diretrizes de identidade social: envolve a “afirmação sustentação, construção, explicação e comunicação de princípios e valores” (Jara Holliday, 2018, p. 230) e que, portanto: “Significam uma construção humana que sustenta e torna possível a vida em comum como gênero humano” (Jara Holliday, 2018, p. 230). As novas fronteiras exigem, por conseguinte, não só que a Fé e Alegria tenha uma presença atual, mas sim que seus/suas educadores/as reconheçam quais princípios e valores fundamentam as práticas e conteúdos pedagógicos. Em suma, os objetivos éticos perseguidos “visam dar sentido a nossa vida e a história que devemos construir individual e coletivamente” (Jara Holliday, 2018, p. 231).

A política, por sua vez, pode ser vivida como expressão do exercício da liberdade e da convivência entre as pessoas. A sua prática adequada permitirá, de acordo com Jara Holliday (2018), o exercício de princípios éticos como a responsabilidade, autonomia, consciência das necessidades e bens comuns, busca de coerência, justiça e equidade. Desta forma, pode-se concluir que o/a educador/a popular não só possui a tarefa de trabalhar conteúdos estabelecidos, mas também de gerar as condições e disposições que mobilizem as capacidades transformadoras comunitárias e sociais:

Capacidade de aprendizagem, capacidade de comunicar-se, capacidade de escutar, capacidade de trabalhar em equipe, capacidade de sentir profunda indignação frente à injustiça, capacidade de prever, planejar e projetar, capacidade de emocionar-se e desfrutar da beleza, capacidade de expressar-se de várias formas, capacidade de analisar e de sintetizar, de abstrair e concretar, de investigar e mobilizar. E a prática de tudo isto, assim como a reflexão crítica sobre esta prática, será a principal maneira de formar-se a si mesmo, como sujeito de transformação e de criação do novo. (Jara Holliday, 2018, p. 240)

No entanto, é necessário reconhecer que mesmo na suposição de que os centros de Fé e Alegria consigam tornar-se tais modelos *pré-figurativos* comunitários e sociais, outras forças afetam a vida dos/as educandos/as. Por isto, se dá o fato de que Freire reconhecesse o potencial transformador da educação, mas também os limites que ela possui. Em *Pedagogia da Autonomia* (1997) ele afirmará que



os educadores devem compreender que a educação não é “uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade” (p. 106). Seria, portanto, desejável que o papel de mediador e facilitador que Freire reconhece nos/as educadores/as seja exercido não só dentro das instituições, mas também com outros atores sociais.

#### IV. O papel do/a educador/a popular a partir de uma perspectiva pedagógica

A *educação popular* aspira à transformação social através do empoderamento dos/as educandos/as. Em consequência, historicamente optou por uma pedagogia e uma metodologia que incentiva a transformação e não a adaptação, a pergunta crítica e não a resposta pré-estabelecida. Trata-se de uma pedagogia fundada no diálogo e confronto de saberes, que permite aos indivíduos descobrir-se e tomar consciência do mundo ao seu redor.

As transformações sociais e a presença de novas fronteiras desafiam os modelos pedagógicos que Fé e Alegria tradicionalmente tem cultivado, mas não os objetivos finais da *educação popular*. De fato, ainda se espera que os setores mais vulneráveis da população tenham melhores oportunidades para desenvolver-se em todas as áreas da vida, isto é, no desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e profissional. Nas palavras de Pérez (2003), a *educação popular* deve “ajudar a nascer o homem ou a mulher que todos carregamos adentro: *ajudar a conhecer-se, compreender-se e valorar-se* para poder desenvolver ao máximo todos os seus talentos” (p. 31. Itálico adicionado).

A partir desses nobres objetivos, é necessário refletir sobre a proposta pedagógica e metodológica a partir de questões que podem ser formuladas nestes termos: as práticas educacionais de nossos centros, permitem enfrentar os novos desafios que as novas fronteiras nos oferecem? E, elas nos levam aos fins que buscamos como instituição transformadora? Para responder seriamente a estas perguntas é importante levar em consideração alguns postulados - 7 - da educação popular propostos por Mejía (2020), que desafiam e questionam as práticas pedagógicas vigentes em Fé e Alegria:

- a. **A educação popular parte da realidade e pressupõe sua leitura crítica:** portanto, é necessário que vez após vez, os/as educadores/as reconheçam e incorporem na sua prática os cenários que se tem apresentado neste começo de milênio com os problemas que agravam as desigualdades —alguns deles mencionados no ponto 2 deste escrito—. Deve-se lembrar que em *Palavras para educar. Alimentado o espírito de Fé e Alegria na quarentena* (2020), afirmou Víctor Murillo, citando a Edgar Morin, que:

O papel do ensino é, antes de tudo, problematizar a realidade e, através de um método baseado em perguntas, estimular o espírito crítico e autocrítico do corpo discente. Desde a infância, os estudantes tem que começar a despertar a curiosidade, cultivando a reflexão crítica. (p. 2)

- b. **O objetivo final da educação popular é a transformação das condições que produzem opressão, injustiça, exploração, dominação e exclusão:** conseqüentemente, será necessário que os/as educadores/as considerem as mudanças sociais que ocorreram no século XXI —tecnológicas, formas de produção, formas de emprego, gestão da informação, uso de recursos naturais, etc.— e fazendo uma leitura crítica prévia, poderiam incorporar os novos modelos pedagógicos que preparem os/as educandos/as para assumir as necessidades contemporâneas sem ignorar que, na estrutura dos seus ensinamentos, devem priorizar as necessidades dos seres humanos.



c. **A educação popular exige uma opção ética-política em, desde e para os interesses dos grupos excluídos:** com a pandemia do COVID-19 e com a desculpa de permitir o acesso à educação a distância, projetos educacionais que legitimam um sistema com base nas diferenças sociais tem aparecido. Embora se reconheça algumas vantagens, o/a educador/a popular não pode deixar de lado seu olhar crítico para revelar os interesses por trás de tais iniciativas.

d. **A educação popular aspira alcançar o empoderamento dos excluídos e discriminados:** as pedagogias e metodologias devem promover a organização e participação dos grupos humanos para que todos membros da sociedade se envolvam com sua transformação. Idealmente, o/a educador/a popular deveria promover o respeito básico e o reconhecimento da diversidade, bem como o autocuidado e cuidado do outro. Neste sentido, os/as educadores/as devem conhecer, reconhecer e respeitar a presença de diferentes culturas, religiões e pontos de vista políticos. Não significa que qualquer coisa valha, insiste-se em afirmar um respeito básico e razoável que promova a negociação cultural, através do diálogo de saberes, entre diferentes atores da sociedade e da instituição.

e. **A educação popular é entendida como um processo, um saber prático-teórico construído a partir das resistências e a busca de alternativas para as diferentes dinâmicas de controle nestas sociedades:** assim, educadores/as não devem apenas se limitar a formar indivíduos capazes de interpretar o mundo teoricamente, mas sim formar de maneira fundamental pessoas capazes de refletir, de criar estratégias e responder perguntas. Neste sentido, Jara Holliday (2001) afirmou que:

Nos processos educativos, devemos sempre partir da prática dos participantes, seguir todo um processo de teorização que permita compreender esta prática dentro de uma visão holística e de totalidade para finalmente re-

gressar à prática e, graças a uma compreensão integral e mais profunda dos processos e de suas contradições, orientá-la conscientemente em uma perspectiva transformadora. (p. 91)

f. **A educação popular constrói mediações educacionais com uma proposta pedagógica baseada em processos de negociação cultural, confrontação e diálogo de saberes:** perspectiva que convida o/a educador/a popular a reconhecer que a escola ou o espaço de aprendizagem deve ser um cenário para a interação permanente entre pessoas, saberes, análises críticas, experiências, reflexões e ações transformadoras que respondem às dinâmicas mutantes da sociedade, o que implica o rompimento dos muros das salas de aula e das instituições para entrar num diálogo permanente com os interesses dos estudantes e docentes, com a realidade complexa e dinâmica que os cerca para gerar a partir dali currículos sistêmicos e contextualizados.

g. **A educação popular deve potencializar nos indivíduos todas as capacidades e habilidades para alcançar uma vida em plenitude:** de acordo com Eduardo Gudynas - citado na Proposta Educativa de Fé e Alegria Colômbia - (Bravo e Vega, 2015), a plenitude humana só pode ser alcançada se forem integrados aspectos afetivos, emocionais e espirituais junto com os materiais. Consequentemente, o olhar do/a educador/a não será o de reproduzir o sistema de mercado, que apresenta a felicidade como a possibilidade de consumir e possuir.

Para assumir estes postulados na proposta educativa considera-se necessário que a tarefa de reculturação e formação seja permanente. A reculturação permitirá sair de uma cultura de rotina, individualismo e irresponsabilidade para passar a uma cultura de inovação, cooperação e responsabilidade pelos resultados das nossas práticas educacionais. O processo de formação permanente também leva os/as educadores/as a se tornarem sujeitos capazes de refletir sobre seu próprio ser, seu fazer e seu acontecer. Desta maneira, espe-



ra-se que a educação “realmente se traduza, não em um acumulado de credencias e diplomas, mas sim em crescimento pessoal e transformação e melhora da sua prática pedagógica, para que possa responder melhor as demandas dos educandos” (Pérez, 2003, p. 40).

## Resume final

Para finalizar, deve-se promover nos/as educadores/as certos aspectos e qualidades para que possam verdadeiramente ser agentes de transformação social e promotores de um mundo melhor. Alguns deles são:

- Educadores/as intelectuais e conhecedores/as dos problemas locais e globais que sejam capazes de integrar suas propostas educacionais ao entrar em contato com o ambiente de trabalho;
- Pessoas que vivam com base nos valores promovidos por uma espiritualidade que os torna capazes de solidarizar-se, compadecer-se e viver ao serviço dos outros e de um mundo melhor;
- Educadores/as com Fé, Fé na construção conjunta da esperança de Deus, Fé em todas as pessoas e na dignidade humana de todos como a única possibilidade de construir esse futuro melhor;
- Identidade, não como algo declarado, mas sim como algo que se comunga, que nos inspira e nos permite entrar em sintonia com nossos projetos de vida, com o propósito de Fé e Alegria e, por sua vez, ser exemplo para os educandos;
- Educadores/as capazes de assumir a pedagogia do diálogo e a confrontação que permitam às pessoas ler de forma crítica a realidade e buscar a transformação social.



## Sugestão metodológica e perguntas para a reflexão

O texto de referência busca que as pessoas dos diferentes países reflitam e reconstruam um novo papel do/a educador/a popular com base em:

1. As apostas pelas novas fronteiras que hoje se apresentam como desafio para a educação popular;
2. A dimensão espiritual do/a educador/a;
3. A função social dos centros educacionais;
4. As práticas pedagógicas que realizamos nas nossas salas de aula.

Portanto, sugere-se planejar com os/as educadores/as dos diferentes programas educacionais, uma rota de leitura e reflexão distribuída em –2– momentos.



- **Primeiro momento:** abril - maio, abordaria a leitura e os questionamentos das seções 1 e 2.
- **Segundo momento:** maio - junho, abordaria a leitura e questionamentos das seções 3 e 4.

Recomenda-se realizar um processo de leitura individual; posteriormente, um exercício de reflexão grupal em torno das questões formuladas; depois, uma sessão plenária e, por fim, a construção do documento que consolide o novo papel do/a educador/a popular.

As perguntas para a reflexão são:

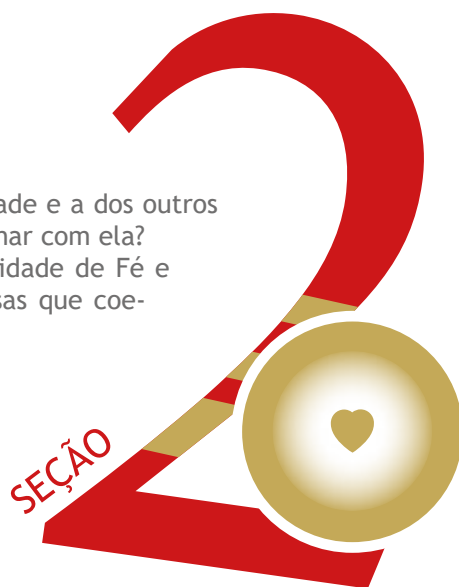


## Primeiro momento Novas Fronteiras

- Quais são essas novas fronteiras que a Fé e Alegria decidiu apostar no seu país?
- Que implicações tem essas novas fronteiras no seu papel como educador/a popular?

## Segundo momento Espiritualidade

- O que precisamos para aprofundar nossa espiritualidade e a dos outros como forma de compreender a realidade e se relacionar com ela?
- Quais práticas permitem a transmissão da espiritualidade de Fé e Alegria respeitando as diferentes expressões religiosas que coexistem no Movimento?





### Terceiro momento Nova sociedade

- Quais práticas permitiriam aos/às educadores/as contribuir para a construção de uma nova sociedade em seu ambiente local?
- Quais ferramentas e capacidades o/a educador/a popular requer para educar na construção dessa nova sociedade?

### Quarto momento Prática Pedagógica

- Seleciona três dos sete postulados que desafiam as práticas pedagógicas em Fé e Alegria e relaciona as possíveis tensões que podem apresentar-se à luz de propostas educacionais oficiais do seu país.
- O que significa para vocês promover uma pedagogia e uma metodologia para a transformação e não a adaptação, a partir da pergunta crítica e não desde a resposta predefinida?



### Produto esperado

Terminada a leitura e a reflexão, a equipe responsável de cada país fará uma síntese consensual dos temas centrais do documento lidos à luz da sua própria realidade. Da mesma forma, deixará explícito qual será o novo papel do/a educador/a popular que será levado em consideração na proposta educacional do seu país. O documento final pode vir acompanhado de documentação gráfica e/ou audiovisual. É de vital importância que as informações referente ao lugar e número de pessoas que participam desses encontros reflexivos sejam coletadas e incluídas no documento, discriminadas por gênero.





## Ter em conta os seguintes prazos

O período para realizar o trabalho, correspondente a este foco temático, nos países está compreendido entre 16 de abril e 25 de junho de 2021. O documento deverá ser enviado até o dia 25 de junho de 2021, ao e-mail do coordenador da Comissão Organizadora do Congresso, Jaime Benjumea: [pedagogia.jaime@feyalegria.org.co](mailto:pedagogia.jaime@feyalegria.org.co)

---

## Bibliografía

---

- Apple, M. (2013). *Can education change society?* Routledge.
- Bravo, A. y Vega, M. (2015). *Sintonizando nuestra Propuesta educativa. Sueños e intencionalidades*. Fe y Alegría Colombia.
- Conde Prada, A. (2009). Educación popular y la formación de educadores populares. *La Piragua: Revista latinoamericana de educación y política*, (30), 95-103.
- Federación Internacional de Fe y Alegría. (2020, marzo 11). *Declaración de Guatemala*. Federación Internacional de Fe y Alegría.
- Freire, P. (1972). Letter to a young theology student. *LADOC* 3, (29<sup>a</sup>), 11-12.
- Freire, P. (1997). *Pedagogía de la Autonomía: Saberes necesarios para la práctica educativa*. (Trad. G. Palacios). Siglo XXI.
- Freire, P. (2000). *Pedagogy of the Heart*. (Trad. D. Macedo, y A. Oliveira). Continuum.
- Giordano, A. (2015). *La escuela al encuentro con la Educación Popular*. [Tesis de pregrado, Universidad Nacional de Rosario]. Repositorio Institucional de la Universidad Nacional de Rosario. Recuperado el 7 de febrero de 2021, de <https://rehip.unr.edu.ar/handle/2133/5669>
- Jara Holliday, O. (2001). El reto de teorizar sobre la práctica para transformarla. En I. Hernández (Ed.), *Saber Popular y Educación. La concepción metodológica dialéctica, los métodos y técnicas participativas en la Educación Popular. Experiencias y desafíos* (pp. 85-110). Barbarroja.
- Jara Holliday, O. (2018). Aportes de los procesos de Educación Popular a los procesos de cambio social. En A. Guelman, F. Cabaluz, y M. Salazar (Coords.), *Educación popular y pedagogías críticas en América Latina y el Caribe. Corrientes emancipatorias para la educación pública del Siglo XXI* (pp. 221-255). CLACSO.
- Kyrilo, J., y Boyd, D. (2017). *Paulo Freire. His faith, Spirituality and Theology*. Sense Publishers.
- Mejía, M. (2020). *Educación(es), escuela(s) y pedagogía(s) en la cuarta revolución industrial desde Nuestra América*. (Tomo III). Ediciones Desde abajo.
- Murillo, V. (2020). *Palabras para educar. Alimentando el espíritu de Fe y Alegría en la cuarentena*. Fe y Alegría Colombia.
- Pérez, A. (2003). *La Educación Popular y su Pedagogía*. Federación Internacional de Fe y Alegría.
- Suissa, J. (2010). *Anarchism and education: a philosophical perspective*. Routledge.
- Vygotsky, L. (2016). *Pensamiento y lenguaje* (Trad. T. Abadía,). Paidós.





*Nós Somos*

Nós somos Fé e Alegria  
no mundo